

A disseminação da sociabilidade — o exemplo do Programa Ação da Rede Globo

*The dissemination of the
sociability — the example of the Programa
Ação from Rede Globo*

Bruna C. Mendes¹

RESUMO: A modernidade passa por uma crise complexa, marcada por um avanço extremo das tecnologias sem, contudo, tempo suficiente para adaptação enquanto o excesso de informações aumenta a incerteza, pois ninguém mais sabe por quanto tempo a informação irá durar. Diante de tantas dificuldades, a sociedade busca ações atenuantes. O Programa Ação, da Rede Globo, aponta para várias dessas atividades, portanto, foram avaliados os programas transmitidos entre os meses de janeiro a julho de 2006, demonstrando que a conquista de uma sociedade inclusiva só ocorrerá com uma ação inclusiva.

¹ Bacharel em Turismo pela PUC-Campinas, Especialista em Gestão Mercadológica do Turismo pela USP, Pós-Graduada em Administração pela FGV e Mestranda em Hospitalidade pela Anhembi Morumbi. Endereço: Av. Independência, 55, Centro, Piracicaba, SP, Brasil. CEP 13400-510. E-mail: mendesbruna@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Sociabilidade. Globalização. Dádiva.

ABSTRACT: Modernity faces a complex crisis, marked by an extreme technological advance, however without enough time for adaptation; while excess of information increases uncertain, as nobody knows for how long information will last. Facing so many difficulties, society searches attenuating actions. The Programa Ação, from Rede Globo, points out to several such activities, therefore, programs broadcasted between January and July, 2006 were appraised showing that the target of a non discriminatory society will happen only with a non discriminatory action.

KEY WORDS: Sociability. Globalization. Gift.

Introdução

O presente trabalho pretende destacar as ações de grupos e pessoas que buscam a inclusão social e sua prática, visando à recuperação social dos indivíduos. Essas ações são o resultado de uma reação à incapacidade do governo de atender a todos os problemas sociais; são ações dinâmicas que buscam soluções.

Entretanto, antes de iniciarmos as discussões e as descobertas sobre as práticas de sociabilidade, especificamente as apresentadas pelo Programa Ação, da Rede Globo, é preciso contextualizar o mundo atual, onde o tecido social se caracteriza pelo consumismo e pela perda de poder e força do Estado, enfrentando dificuldades como o desemprego, a violência, a previdência.

Para Furtado (1999, p. 23), a globalização trouxe efeitos perversos, que resultaram na degradação do tecido social e no enfraquecimento da coesão comunitária. Sem o Estado, que perdeu tamanho e força, e sem a sociedade, subjugada pelos interesses das empresas e pela ótica do mercado, os problemas sociais tendem a atingir limites intoleráveis (MELO NETO e FROES, 2001, p. 6).

Diante da crise da previdência e do bem-estar social, do déficit público, do desemprego estrutural, da globalização da economia e da pobreza crescente, a família e a comunidade ressurgem como forças e parceiras na tentativa de se mudar o *status quo* (REGEN, 1998, p. 5). Uma forma de compensação paliativa dos efeitos negativos

dessa ideologia predadora é procurada no domínio oblativo, como uma prática individual, generosa e espontânea, gratuita (NICOLAS apud MARTINS, 2002, p. 41).

Pode-se assim dizer que essa prática generosa, espontânea e gratuita caracteriza o que chamamos de “dáviva”, conceito retomado por um conjunto de autores que se identificam com o MAUSS (Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais), escola filiada ao conceito antropológico de Marcel Mauss, como forma de crítica ao utilitarismo econômico, objetivando compreender os modos próprios e originais da organização da vida social fora das regras e influências dos sistemas mercantil e estatal (MARTINS, 2002).²

A dáviva ressurge como um conceito com o qual se pretende recuperar e encontrar a amenização dos problemas sociais. Para Godbout (1999, p. 90), a dáviva inicia-se sempre com um dom, que difere do mercado pela dívida que permanece, e os diferentes modelos de dom podem ser caracterizados pela solidariedade, pelo dom agonístico entre iguais, pelo dom entre desiguais, pelo dom aos desconhecidos. Contudo, “é importante registrar que o reconhecimento da dáviva como um sistema de obrigações paradoxais considerado como básico para a criação do vínculo social não significa dizer que estamos automaticamente no campo da democracia” (MARTINS, 2002, p. 9).

Considerando-se como objeto de estudo o dom aos desconhecidos, analisou-se o Programa Ação da Rede Globo. Pretendeu-se identificar as ações de sociabilidade exercidas no mundo moderno. Com esse foco, foram avaliados os programas transmitidos entre os meses de janeiro a julho de 2006, totalizando 30 apresentações, acessados pelo site da Rede Globo.

São vários programas que destacam a procura e busca por um meio social mais inclusivo e, portanto, mais feliz. Segundo Correr (2003, p. 23), a busca pela felicidade para todos os seres humanos é um antigo ideal que parece assumir várias facetas, podendo se esconder por meio da naturalização das injustiças, ou contemplar as possibilidades de superar magicamente todos os problemas da estrutura social. Com essa análise, procurou-se destacar as ações de sociabilidade que buscam construir, desenvolver e manter laços sociais, seja com um enfoque para a educação, para a geração de renda ou para o voluntariado.

² Acesso ao grupo MAUSS. Disponível em: <www.revuedumauss.com.fr>.

Os programas selecionados representam o engajamento, ainda que de poucos setores, da sociedade pela busca de melhor qualidade de vida para todos. Espera-se que essa apresentação demonstre que a melhoria social depende do que fazemos, seja para nós mesmos, seja para os outros, considerando sempre as diferenças existentes.

Globalização X Social

As últimas duas décadas do século XX registram um estado de profunda crise mundial. É uma crise complexa, multidimensional, cujas facetas afetam todos os aspectos de nossa vida — a saúde, o modo de vida, a qualidade do meio ambiente e das relações sociais, da economia, tecnologia e política. É uma crise de dimensões intelectuais, morais e espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a História da humanidade (CAPRA, 1982, p. 19).

O processo de globalização, relacionado ao aumento do poder dos grupos privados transnacionais e multinacionais, reforça a concentração do poder econômico e a exclusão social, além do surgimento de novas estruturas de poder (FURTADO, 1999, p. 10-24).

O rearranjo espacial das atividades produtivas no mundo, mediante a fragmentação e migração de cadeias produtivas, criou um novo tipo de globalização, de efeitos perversos e que culminam com a elevação dos custos sociais (MELO NETO e FROES, 2001, p. 2).

O aumento da criminalidade, dos acidentes e suicídios, além do enfraquecimento da coesão comunitária e dos distúrbios de comportamento, degrada o tecido social. A preocupação atual é apenas de caráter econômico, assegurando a estabilidade necessária para que os detentores do poder obtenham o sucesso planejado. As relações sociais são relegadas a um segundo plano, limitando a transferir os problemas de um lugar para outro na complexa rede de relações sociais.

Quem deverá cuidar do indivíduo? O Estado, a sociedade, as empresas?

O grito das necessidades sociais não pode ser ouvido; o social desmantela-se na racionalidade econômica. Há o desaparecimento dos movimentos sociais, o esvaziamento da solidariedade social e a perda de poder das forças sociais. Com isso, o foco

das ações sociais migra do Estado para as estruturas de poder geridas pelas empresas transnacionais e multinacionais (MELO NETO e FROES, 2001, p. 5).

Os rigores e os efeitos socialmente perversos desta racionalidade econômica levam à descoberta de uma nova racionalidade social. Seu objetivo é atenuar os rigores e diminuir os excessos cometidos pelo sistema econômico baseado na globalização produtiva e financeira. A nova racionalidade social é o contrapeso da racionalidade econômica. (MELO NETO e FROES, 2001, p. 5)

Essa transformação do econômico para o social, segundo Capra (1982, p. 26), é uma das etapas críticas do desenvolvimento das civilizações. O caráter econômico estabeleceu certas estruturas sociais e padrões de comportamento tão rígidos que a sociedade não pode mais adaptar-se a situações cambiantes, ela é incapaz de levar adiante o processo criativo da evolução.

A perda de flexibilidade numa sociedade em desintegração é acompanhada de uma perda geral de harmonia entre seus elementos, o que inevitavelmente leva ao desencadeamento de discórdias e à ruptura social (CAPRA, 1982, p. 26).

Ressalta-se, entretanto, que os novos agentes da economia social não lutam contra a exclusão social gerada pelo modelo econômico, procurando a reintegração dos excluídos e alteração do modelo atual, mas buscam apenas novas formas de inclusão e integração social no modelo econômico atual (GOHN, 2000, p. 80).

Portanto, seria correto dizer que tudo está perdido? Que não há futuro?

Durante o processo de desintegração, a criatividade da sociedade — sua capacidade de respostas a desafios — não se acha completamente perdida. Embora a corrente cultural principal tenha se petrificado após insistir em idéias fixas e padrões rígidos de comportamento, minorias criativas aparecem em cena e dão prosseguimento ao processo de desafio-e-resposta (CAPRA, 1982, p. 29).

Os atuais responsáveis pelas respostas aos desafios que a sociedade enfrenta podem ser as associações locais, organizações não-governamentais e entidades, que buscam responder criativamente aos problemas encontrados, envolvendo moradores, empresas, governo etc.

Essas respostas se transformam em ações com o apoio das empresas, por meio de patrocínios. Apesar de ainda isoladas, essas ações representam os primeiros passos para amenizar essa transformação que estamos vivenciando.

O Programa Ação, da Rede Globo, apresentado por Serginho Groissmann, é um dos exemplos de respostas às dificuldades impostas pelo caráter econômico vigente em nossa sociedade, procurando disseminar as ações de sociabilidade existentes em nosso país.

A importância da sociabilidade

A transformação que estamos vivenciando agora poderá muito bem ser mais dramática do que qualquer das precedentes, porque o ritmo de mudança em nosso tempo é mais célere do que no passado, porque as mudanças são mais amplas, envolvendo o globo inteiro (CAPRA, 1982, p. 30).

A fim de nos prepararmos para a transição de um mundo puramente econômico, capitalista e tecnológico, para um mundo onde o social é considerado uma prioridade, necessitamos de um profundo reexame das premissas e valores de nossa cultura, acompanhado de profunda alteração nas relações humanas e sociais e formas de organização social.

Antes de tudo, porém, é necessário abalar a impotência do ser humano moderno diante dos desafios e das perturbações de um mundo em constante transformação, onde o relacionamento humano foi desvalorizado em relação à importância da manutenção social.

Mesmo os indivíduos mais ambiciosos, mais orientados para a realização de determinadas metas, necessitam de apoio compreensivo, contato humano e de momentos de espontaneidade e descontração (CAPRA, 1982, p. 42).

Essa necessidade de relacionamento e contato humano é a base de qualquer sociedade, em que os laços vão sendo formados de acordo com interesses específicos e afinidades. Pode-se dizer que a dádiva, responsável pela manutenção dos vínculos sociais, é o elo de ligação entre as pessoas.

A dimensão impessoal assumida pelas trocas no mercado capitalista abalou o relacionamento entre as pessoas, tornando o individualismo uma das palavras-chave desse momento que vivemos.

A emancipação do sujeito individual, libertado das obrigações impostas pelas tradições e crenças anteriores, tornou-o capaz de ajustar racionalmente os meios para satisfazer seus fins. A matriz desse novo comportamento é o comportamento do

mesmo sujeito em um mercado de concorrência total — motor de uma nova organização social movida pelo mercado, onde as relações mercantis dominam todas as relações sociais (NICOLAS apud MARTINS, 2002, p. 36).

Com a aceleração das mudanças e o agravamento dos problemas sociais, a questão da filantropia e do exercício da responsabilidade social ganhou novos contornos e dimensões. Tornou-se um problema não mais do Estado, dos governos locais, mas um desafio a ser vencido pela ação conjunta do Estado, das empresas e da sociedade civil (MELO NETO e FROES, 2001, p. 2).

Pessoas de qualquer meio social participam da dívida moderna, não somente de forma monetária, mas também sob a forma de dívida de tempo, o que muitas vezes caracteriza a dívida entre estranhos (GODBOUT, 1999, p. 96).

A dívida é a responsável pelas relações estabelecidas, contudo, não pelas relações impostas ou decretadas pela força, mas sim pelas relações que pressupõem reciprocidade e confiança (GODBOUT, 1999, p. 20), sendo concebida como formadora de um sistema, e esse sistema nada mais é que o sistema social, constituído por uma trama de relações interpessoais.

Diante dessa realidade, iniciativas de pequenos grupos começaram a representar a luta contra essa falta de relacionamento humano, buscando resgatar a sociabilidade perdida nesses tempos atuais.

O objetivo principal é inserir as pessoas em um contexto inclusivo, onde todos pertençam a um grupo, com um caráter oblatoivo.

A seguir, destacam-se as principais ações apresentadas pelo Programa Ação.

Programa Ação – Rede Globo

O percurso do Programa Ação iniciou-se em 11 de dezembro de 1999, com o objetivo de mostrar as iniciativas das pessoas em busca de soluções para os mais diversos problemas. A maior parte do tempo, essas pessoas permanecem no anonimato, emprestando o tempo e o conhecimento adquiridos.

O *Ação* vai ao ar todos os sábados às 7 horas e 30 minutos da manhã, com reapresentação no Canal Futura domingo, às 7 horas da manhã, e quinta-feira, à meia-noite e meia.

Dividiu-se o programa em três categorias principais: educação, geração de renda e voluntariado, seguindo uma classificação própria. O grupo Educação visa melhorar a formação educacional de determinado grupo, envolvendo-os com música e arte. O grupo Voluntariado foca as pessoas que prestam serviços comunitários enquanto o grupo Geração de Renda pretende que as pessoas possam exercer atividades independentes, autônomas, contribuindo com o sustendo da família. A seguir, demonstra-se na Tabela 1 a divisão.

Tabela 1 – Análise do Programa Ação (transmitido entre janeiro a julho de 2006)

| Classificação | Total |
|------------------|-------|
| Educação | 12 |
| Geração de renda | 7 |
| Voluntariado | 11 |

Fonte: a autora.

As ações voltadas para a *educação* buscam envolver as diversas comunidades na música e na arte. O Projeto do Cemic (Centro de Estudos do Menor e Integração com a Comunidade), localizado em Cascavel, no interior do Paraná, possibilitou às crianças trocarem o trabalho e as ruas pelo estudo, pelo esporte, pela arte. Contam com aulas de reforço, espaço para estudar, brincar e aprender. Todos os anos, o projeto atende mais de 300 crianças que estudam em escolas públicas e recebem pelo menos duas refeições diárias. Fundado em 1977, pela Paróquia São Cristóvão, o projeto já atendeu mais de 16 mil crianças.

Em São João da Boa Vista (SP), há o Projeto “Afinando as Cordas”, onde jovens carentes aprendem música clássica. Desde 2001, o projeto forma 400 músicos por ano. São crianças e jovens da periferia da cidade que encontrarão no violão uma oportunidade.

Em Canos, Rio Grande do Sul, a Associação Canoense de Deficientes Físicos (Aca-def) trabalha para melhorar a vida dos deficientes físicos, com sessões de fisioterapia e aulas de informática. Muitos dos alunos nunca tiveram contato com o mundo virtual antes do curso.

Os projetos voltados para a *geração de renda* visam melhorar a qualidade de vida das pessoas, ensinando uma atividade profissional e facilitando a procura por uma vaga no mercado de trabalho.

A Estação das Artes, em São Paulo, possui o Projeto “Gente Jóia”, uma escola que forma artesãos. Os alunos aprendem a desenhar e a montar jóias de prata. Esse processo dura seis meses e depois eles são convidados a fazer parte de um grupo de trabalho. Parte do dinheiro arrecadado com a venda das jóias fica no projeto enquanto os joalheiros recebem de cinquenta a setenta por cento do que produzem.

Em Santa do Parnaíba, região metropolitana de São Paulo, a ONG Espaço Jovem transforma jovens em cozinheiros, garçons e *barman*. A cada quatro meses, sessenta jovens de baixa renda são reunidos para aprender a arte da culinária. Mais de 80% desses jovens que concluem o curso conseguem uma vaga em algum restaurante da região.

Com o enfoque para o *voluntariado*, os projetos destacam pessoas com as mais diversas formações e habilidades que ajudem os que mais necessitam.

Os “Hospitalhaços” são voluntários, movidos pelo bom humor, com a missão de levar alegria para os hospitais, como o Centro Infantil Boldrini, em Campinas. A associação também leva brinquedos para os hospitais. A brinquedoteca do Hospital das Clínicas da Unicamp foi uma idéia dos Hospitalhaços. Espaços como esses já foram inaugurados na cidade vizinha de Sumaré e no Recife (PE).

Em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, mães tornam-se voluntárias no banco de leite do Hospital Municipal Universitário. O projeto conta com a ajuda do Corpo de Bombeiros que, junto com os voluntários do hospital, vencem distâncias em busca do alimento.

Os exemplos apresentados são uma pequena parcela do que foi pesquisado e do que realmente é mostrado pelo Programa Ação.

Considerações finais

O movimento pela sociedade inclusiva é internacional, com regras bem definidas. Foi explicitado pela primeira vez em 1990 pela Resolução n.º 45/91, da Assembléia Geral das Nações Unidas, que defendia uma sociedade para todos, que, por sua vez, cons-

ciente da diversidade humana, estaria estruturada para atender às necessidades de cada cidadão, das maiorias às minorias, dos privilegiados aos marginalizados (WERNECK, 1997, p. 21).

No entanto, parte dessa busca por uma sociedade inclusiva ainda é vista como caridade. É preciso diferenciar que, mesmo esses movimentos são importantes, pois não percebemos que uma formação mais humana seja um dos pré-requisitos da sociedade inclusiva. Não entendemos ou não queremos compreender que, sem essa sociabilidade, o mundo não existiria, inclusive o mundo dos negócios, pois as relações seriam interrompidas.

Referências

- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CORRER, R. *Deficiência e inclusão social: construindo uma nova comunidade*. Bauru: EDUSC, 2003.
- FURTADO, C. *O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- GODBOUT, J. T. *O espírito da dádiva*. Tradução Patrice Charles F. X. Wuillaume. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GOHN, M. G. *Mídia, terceiro setor e MST*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MARTINS, P. H. *A dádiva entre os modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MELO NETO, F. P.; FROES, C. *Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro*. Da Filantropia tradicional à filantropia de alto rendimento e ao empreendedorismo social. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2001.
- NICOLAS, G. O dom ritual, face velada da modernidade. In: MARTINS, P. H. *A dádiva entre os modernos*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 36-62.
- REGEN, M. *Instituição família*. São Paulo: Sorri; Brasil, 1998.
- WERNECK, C. *Ninguém mais vai ser bonzinho na sociedade inclusiva*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

Artigo recebido em novembro de 2006

Aprovado para publicação em agosto de 2007